



OS ALTOS E BAIXOS DA AGROPECUÁRIA

Durante os últimos meses, o custo das principais commodities da alimentação animal (milho e soja/farelo) vem sendo pressionado por conta das generosas safras já realizadas e outras esperadas e a hipotética recomposição dos estoques por aqui e acolá. Esse cenário é distinto daquele que perdurou anteriormente com preços internacionais elevados devido à recuperação da demanda após o surto da pandemia de Covid-19 e as consequentes interrupções de abastecimento e comércio internacional agravadas pelo conflito na Ucrânia.

Apesar do ambiente macroeconômico projetado para os próximos dez anos reservar razoável incerteza, o impulso dado pelo crescimento da população nos países do norte da África e região subsaariana e naqueles de renda média com rápida expansão e intensificação da sua produção pecuária devem contribuir para o incremento no consumo global de alimentos da ordem de 1,4% ao ano, muito embora com estabilização dos preços por conta da tendência da desaceleração da demanda dos grãos e dos ganhos da produtividade agropecuária.

O crescimento populacional pode ser considerado o principal determinante do incremento, contudo, a renda, preços, demografia, urbanização, costumes e religião, preservação ambiental, ética e bem-estar animal e as preocupações com a própria saúde podem influenciar o apetite global por alimentos e consequente ritmo demandador das commodities alimentares observado no médio prazo, já que a combinação deles determina uma volatilidade considerável e pode provocar grandes desvios de tendências nos preços agrícolas a longo prazo.

Conforme as perspectivas registradas na edição 2022/2031 do Agricultural Outlook da OCDE/FAO, a demanda global por commodities agrícolas durante o período deve avançar 1,1% ao ano, bem aquém do avanço de 2% ao ano da década anterior, muito provavelmente por causa da desaceleração da economia chinesa e do hipotético recuo no consumo de biocombustíveis nos Estados Unidos e na União Europeia.

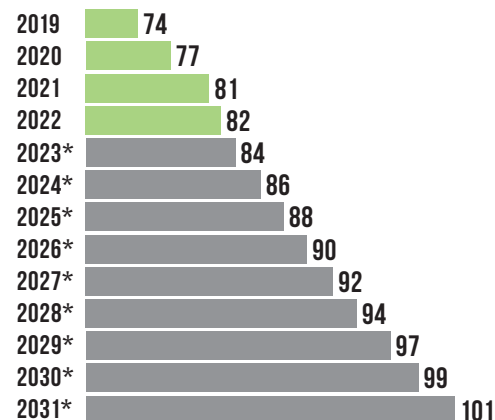
O mesmo relatório da OCDE/FAO registra que a demanda global de alimentos para animais alcance 2 bilhões de toneladas em 2031 (avanço de 1% ao ano), muito embora, mais rapidamente (2% ao ano) nos países em desenvolvimento como resultado da intensificação na criação dos monogás-

tricos e aquacultura, bem como da substituição da pecuária a pasto por sistemas tecnificados de confinamento, apesar da redução do ritmo da produção pecuária chinesa (exceto carne suína), do ganho na conversão alimentar e no melhoramento genético dos animais. As projeções da OCDE/FAO se alinham aos estudos prospectivos da indústria de alimentação animal brasileira que estima superar 100 milhões de toneladas de rações em 2031.

Nesse ano corrente, a produção brasileira de rações pode avançar até 2,3%, e o montante movimentar cerca de 55 milhões de toneladas de milho e mais de 18 milhões de toneladas de farelo de soja, que somados aos outros insumos e aditivos, podem totalizar 84 milhões de toneladas (sal mineral não computado).

Tal perspectiva vai ganhando vigor por causa dos preços dos insumos ladeira abaixo, uma vez que de janeiro para cá, o farelo e o milho já baixaram de 30% a 40%. Apesar da tendência apontar alívio, é importante acompanhar a desenvoltura da colheita do milho porque a safra ainda não está livre de sofrer com eventuais intempéries climáticas ou proliferação de pragas, além dos conhecidos transtornos gerados pelos gargalos de armazenagem e escoamento, muito embora, a maioria dos observadores aposte que a pecuária não será atormentada pela escassez. ■

PRODUÇÃO RAÇÕES BRASIL (MILHÕES TONELADAS)



*Estimativa | Fonte: Sindirações



Ariovaldo Zani

é médico-veterinário
Professor MBA/
PECEGE/ESALQ/USP e
Presidente da Câmara de
Sustentabilidade e
Bem-Estar Animal/ABPA
arizanni@uol.com.br